

WOMEN'S TORAH: A ESCRITA NO LIMITE DA (IM)POSSIBILIDADE

WOMEN'S TORAH: WRITING AT THE LIMIT OF (IM)POSSIBILITY

Denise Cristina Campos*

Resumo: A Torá é o livro fundador da tradição judaica, e como tal, foi e ainda é transmitida de geração em geração da mesma forma e com os mesmos materiais dos tempos primevos. A continuidade do manuscrito em pergaminho encontra sua fundamentação no caráter sagrado do livro, que é enfatizado por regras direcionadas aos mantenedores da tradição: escribas. Durante a maior parte dessa história de continuidade, o ofício de escriba foi assumido apenas por homens, que receberam o mandato divino de copiar o manuscrito da Torá. Às mulheres foi vedada a possibilidade de se inscreverem nessa tradição, por força de uma proibição talmúdica. Essa proibição começou a ser questionada e algumas mulheres ingressaram no ofício de escribas do livro sagrado, abraçando todos os questionamentos e desafios dessa empreitada. No presente artigo, relata-se a história do projeto *Women's Torah*, que reuniu seis mulheres escribas, as quais escreveram um *Sefer Torá* para uma Sinagoga Judaica de Seattle.

Palavras-chave: *Sêfer Torá*. Escribas. Protagonismo feminino. *Soferet*.

Abstract: The Torah is the founding book of the Jewish tradition, and as such, it was and still is transmitted from generation to generation in the same way and with the same materials as in ancient times. The continuity of the parchment manuscript finds its basis in the sacred character of the book, which is emphasized by rules directed to the maintainers of the tradition: the scribes. For most of this history, the office of scribe was undertaken only by men, who received the divine mandate to copy the Torah manuscript. For women, the possibility of subscribing to this tradition was censored, due to a Talmudic prohibition. This prohibition began to be questioned and some women entered the profession of scribes of the sacred book, embracing all the questions and challenges of this endeavor. This article tells the story of the Women's Torah project, which brought together six female scribes who wrote a *Sefer Torah* for a Jewish Synagogue in Seattle.

Keywords: *Sefer Torah*. Scribes. Female protagonism. *Soferet*.

* Mestranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
E-mail: <nise.campos@hotmail.com>

1. Textualidade e materialidade do texto sagrado

Para além da dimensão da tradição religiosa que consolida, a Bíblia e, especialmente o Pentateuco, é um marco na história da cultura escrita, não só pela grandeza do texto que é fundador do imaginário religioso e moral do ocidente, mas também pelo protagonismo em todos os formatos e suportes que o livro já experimentou e, especialmente, no processo de disseminação do códice, que se confunde com o de consolidação do cristianismo (GRAFTON; WILLIAMS, 2006). Da mesma forma, na era da imprensa, a Bíblia continua a manter esse protagonismo ao marcar o aparecimento do primeiro livro impresso e ao ocupar os prelos de diversos países, seja em hebraico, grego, latim ou em língua vernácula¹. Por outro lado, embora tenha havido imediata adesão à imprensa para a propagação do texto sagrado, as comunidades judaicas ainda se mantiveram fiéis ao manuscrito e ao *volumen* mesmo após o advento do códice, marcando simbolicamente a forma do texto da tradição judaica. Segundo Sacks (2002), O *Sêfer Torá*, rolo manuscrito contendo o pentateuco, é “escrito hoje exatamente como há milhares de anos, à mão, com uma pena, sobre pergaminho” (SACKS, 2002, p.55).

A continuidade do manuscrito na tradição judaica apresenta uma estreita ligação com a simbologia que o livro, especialmente o livro da lei, tem nessa cultura. Segundo Fishbane (2020), o *Sêfer Torá* assume, na cultura religiosa judaica, o lugar que em outras religiões é ocupado pelo ídolo. Isso pode ser explicado pela proibição de fazer imagem de escultura, expressa no segundo mandamento do decálogo. Essa proibição tornou a religião judaica uma religião de palavras e não de imagens. A substituição da imagem pelo livro pode ser observada em alguns costumes religiosos: os judeus carregam porções da Torá nos filactérios de suas vestes, assim como os pagãos carregavam consigo os seus ídolos, e os santuários pagãos encontram o seu paralelo na arca da aliança que continha um rolo da Torá atribuído à pena de Moisés (FISHBANE, 2020, p.214).

A dimensão da tradição religiosa que sustentou a continuidade do manuscrito dentro da tradição judaica permitiu não só a manutenção de uma forma do livro, mas garantiu também a estabilidade do texto e a mitigação de erros em relação aos manuscritos de outras tradições. Segundo Katzenstein (1981):

¹ Segundo Kors (2021), há traduções da Bíblia desde os antigos tempos romanos. Na Idade Média, as traduções eram patrocinadas por reis e mosteiros. Apenas a partir dos séculos XIV e XV a Bíblia foi lida em língua vernácula por leigos. No século XVI, as aspirações reformistas de Lutero e sua tradução da Bíblia encontraram na imprensa o mecanismo perfeito de difusão do texto sagrado.

Há na Antiguidade apenas um caso em que com o passar do tempo o número de erros foi se tornando sempre menor: é a cópia do Pentateuco judaico. Nas várias versões da Bíblia, até a sua definitiva codificação (cerca de 90 anos d. C), algumas partes duvidosas e obscuras são idênticas, devendo ter sido pois introduzidas muito cedo. Muitos textos dos rolos do Mar Morto por exemplo o Rolo de Isaías, são muito semelhantes aos textos existentes hoje. Certo número de rolos primitivos têm alguns erros de cópia que foram deixados, mas as palavras corretas foram indicadas na margem com as expressões hebraicas Ketib-Kere, “está escrito, deve ser lido” (KATZENSTEIN, 1981, p. 100).

A autora afirma, ainda, que as regras que orientam a produção do manuscrito do *Sêfer Torá*, além de criarem uma tradição de cópias exemplares, sem a multiplicação de erros que ocorria em outros manuscritos, gregos e cristãos, por exemplo, promovem a existência de cópias de alta durabilidade. Um rolo da Torá deve ser escrito em pergaminho, material de durabilidade maior do que o papiro ou o papel. Outro fator importante é que não é permitido utilizar cola para unir as páginas, estas devem ser unidas com tendão de animal. A cola danifica o pergaminho, pois a umidade torna o material ondulado e retorcido. Além disso, a cola atrai insetos bibliófagos que danificam o suporte da escrita. Ainda para corroborar com a preservação do livro, é proibido comer durante a cópia e a leitura da Torá, para evitar manchas e a atração de insetos. Outra regra é que o rolo deve ser usado periodicamente nas festividades judaicas, o que também contribui para a preservação do *Sêfer* (KATZENSTEIN, 1981, p. 108-111).

Segundo o relato da Torá, Deus entregou o livro da lei a Moisés, que o transmitiu ao povo e o transcreveu de próprio punho antes de morrer. Moisés entregou um rolo da Torá para cada tribo e guardou outro na Arca da Aliança, totalizando 13 rolos, em obediência à ordenança divina (RAMBAM, 2018, p. 2). Moisés, o grande líder, foi o primeiro escriba, o que eleva o nível da qualidade dessa função. Outro grande escriba foi Esdras, mestre e legista no período persa. O termo *sofer*, palavra hebraica que significa escriba, tem o sentido não apenas de copista, mas de sábio conhecedor da Torá (KATZENSTEIN, 1981, p.113). A função de escriba, portanto, é de grande prestígio dentro da comunidade judaica, especialmente, porque além dessas imponentes figuras que foram pioneiras desse ofício, escrever o *Sêfer Torá* é um mandamento.

Maimônides (ou Rambam), grande sábio da tradição judaica que viveu no século XII e compilou as leis da Torá e as explicações e discussões do Talmud na obra *Mishnê Torá*, organiza os 613 preceitos da Torá da seguinte maneira: 248 mandamentos positivos (obrigações de fazer) e 365 mandamentos negativos (obrigações de não fazer). Nessa organização, o preceito positivo 17 faz a seguinte prescrição: “Que cada homem escreva o seu próprio rolo da Torá, conforme

está escrito: ‘E agora, escrevei para vós este cântico’ (*Devarim* 31:19)²’. O mandamento que se segue também enfatiza o dever de escrever a Torá, mas trata-se de um dever restrito aos reis: “Todo rei de Israel deve escrever um rolo da Torá para si mesmo em adição àquele que cada pessoa está preceituada a escrever, para que tenha duas *Torót*, conforme está escrito: ‘E ele deverá escrever para si a duplicação desta Torá’ (*Devarim* 17:18).” (RAMBAM, 2018, p. 16).

A escrita do Sêfer Torá, assim como os demais mandamentos prescritos na Torá, encontra regulamentações na literatura dos sábios da tradição. O tratado *Soferim*³ e o livro *Keset HaSofer*⁴ são obras que apresentam as especificações a serem seguidas pelos escribas na confecção de manuscritos sagrados. Algumas dessas regras são: O pergaminho que recebe o texto sagrado deve ser oriundo da pele de um animal kasher, animal puro segundo as prescrições da lei judaica; o pergaminho deve ser preparado especificamente para receber a Torá; as linhas devem ser marcadas em relevo, não podem ser marcadas com tinta. O texto só pode ser escrito em tinta preta, com uma pena ou com a ponta de junco (cálamo). Não é permitido fazer ilustrações ou vinhetas no livro. Outra regra importante é que o Sêfer Torá não é válido se for escrito por herege, delator, gentio, escravo, mulher, menor, samaritano ou por um judeu apóstata (*Talmud Gittin* 45b). Há ainda outras prescrições, que são condições de validade do manuscrito. Entretanto, para este trabalho convém enfatizar a vedação à escrita do Sêfer Torá por mulher.

2. Breves considerações sobre a mulher na tradição judaica

Tradicionalmente, o judaísmo entende que homem e mulher possuem papéis diferentes. Nas palavras de Ben Iehoiadá: “Uma mulher representa a luz da casa, que brilha intensamente e elimina a obscuridade e a depressão. Um homem, porém, deve trabalhar fora de casa, como um burro, carregando pacotes, ganhando a vida e mantendo a família.” (GLATT, 2015, p. 65). Partindo dessa colocação, percebe-se que a mulher tem um papel voltado à construção do lar, à harmonia interna e ao bem-estar familiar. O homem, por outro lado, tem um papel externo que visa a garantir a provisão do lar. Em relação à observância dos mandamentos, ao homem é mandatório cumprir todas 613 *mitzvot*, que incluem dedicar-se aos estudos e ensinar aos filhos.

² *Devarim* é o quinto livro da Torá, em Língua Portuguesa a tradução é Deuteronômio.

³ *Soferim* é um tratado menor escrito no estilo da Mishná compilado, provavelmente, no século VIII em Israel. Esse tratado discute o processo de escrita do *Sêfer Torá*, a grafia das palavras bíblicas e a leitura pública dos textos bíblicos. Além disso, apresenta disposições litúrgicas a respeito dos feriados de Chanucá e Purim.

⁴ O *Keset HaSofer* ou “O tinteiro do Escriba” é um manual para escribas, escrito pelo Rabino Shlomo Ganzfried. Nesse livro estão contidas as leis aplicáveis à escrita de *Sêfer Torá*, *Mezuzot*, *Tefilin* e *Megilat Esther*.

À mulher, os mandamentos negativos, que prescrevem uma obrigação de não fazer, como não adorar ídolos, não acender fogo no Shabat, por exemplo, são todos obrigatórios. Já os mandamentos positivos, nem todos são obrigatórios, os mandamentos relacionados ao tempo não precisam ser cumpridos pelas mulheres.

A obrigação religiosa de estudar a Torá, preceito positivo em função do tempo, é apenas do homem. A mulher pode estudar a Torá, mas isso não é incentivado, a respeito do estudo Rambam afirma que:

A mulher que estuda Torá é recompensada. Mas sua recompensa não é [tão grande] quanto a do homem, uma vez que ela não foi ordenada a cumprir essa *Mitsvá*. Toda pessoa que faz algo a que está desobrigada não recebe uma recompensa tão grande quanto quem cumpre uma *Mitsvá* a que foi ordenada. Embora ela receba uma recompensa, os sábios ordenaram que [o pai] não deve ensinar Torá à filha, já que a maioria das mulheres não consegue concentrar a atenção no estudo e acaba transformando as palavras da Torá em leviandades devido à sua incapacidade de compreensão. Os sábios disseram: “Quem ensina Torá à filha é como se estivesse ensinando contos e parábolas”. A que eles se referem? À Torá Oral. Mas [com relação à] Torá Escrita, apesar de não ser recomendável ensiná-la, se ele a ensinar não será considerado como se a tivesse ensinando banalidades. (RAMBAM, 2015, p. 10-11)

O entendimento expresso nessa citação sustentou a colocação da mulher em um lugar secundário dentro da dinâmica religiosa da vida judaica. Quando se fala que a mulher pode estudar a Torá escrita (Pentateuco), mas não deve estudar a Torá oral⁵, impede-se que a mulher tenha acesso às leis que regem a comunidade e, como consequência, não tenha o conhecimento exigido para participar de diversas atividades religiosas e de decisões jurídicas. No judaísmo, o texto sagrado da Torá é assumido como um texto legal⁶ que precisa ser interpretado e debatido. A interpretação foi passada de geração em geração de pai para filho, ou de sábio para aprendiz. Essa linhagem de interpretação e discussão do texto sagrado é fomentada no âmbito masculino, mas é desincentivada para as mulheres.

⁵ Segundo a tradição rabínica, a Torá foi recebida diretamente de Deus por Moisés, que a escreveu. Além desse texto, a tradição rabínica afirma que, juntamente com a Torá escrita, Moisés recebeu a explicação das palavras escritas (Torá Oral). No ato de entrega do texto escrito ao povo, Moisés entregou também a explicação desses textos de forma oralizada. Essa explicação foi passando de geração em geração, apenas de forma oral durante muitos anos. Ocorre que a comunidade judaica sofria grandes perseguições e, por consequência, formou-se uma grande diáspora. Esse fato fez com que muitos sábios temessem a perda da Torá Oral e, para evitar esse mal, iniciou-se a compilação dos ensinamentos orais. A transcrição desses ensinamentos ficou conhecida como *Talmud*, que possui uma versão de Jerusalém (365 d.C) e uma versão da Babilônia (430 d.C). (RAMBAM, 2018, p. 6-8)

⁶ A tradição interpretativa da Torá inclui alguns métodos, dentre os quais, o Midrash é especialmente utilizado. Essa palavra é derivada de “derash”, que significa pesquisar, examinar. Por meio desse método os sábios deduzem vários ensinamentos do texto bíblico. O conjunto exegético e homilético de textos midráshicos é chamado de Midrash Hagadá. O conjunto de leis de conduta deduzido do texto bíblico, para orientar o cumprimento dos mandamentos, é chamado de Midrash Halachá. (GIGLIO, 2012, p. 85-86)

Embora a mulher tradicionalmente tenha um papel limitado ao lar, especialmente no período Talmúdico, como afirmam Oz e Oz-Salzberger (2015), algumas mulheres, mais na Bíblia do que no Talmud, assumiram papéis de protagonistas. Nomes como Miriam, Débora, Ana e Jael são citados com louvor nas escrituras sagradas. Miriam foi a irmã de Moisés que zelou pela vida do grande líder quando ele foi colocado no rio para fugir da sentença de morte de Faraó. Além disso, ela exerceu papel de liderança na peregrinação do povo, liderando dança e cântico após a travessia do mar vermelho. Débora foi juíza e profetiza, mulher muito respeitada que além disso, foi pivô da vitória do povo de Israel na guerra contra os canaanitas. Ana foi uma mulher piedosa que, em um momento de aflição por sua condição de esterilidade, foi ao templo e rogou por um filho, o que lhe foi concedido. Ela entregou esse filho para servir no templo e tornou-se a mãe do último grande sacerdote, antes da era dos reis. Jael foi uma mulher estrangeira que se aliou ao povo de Israel e matou Sísera, capitão do exército de Canaã garantindo a vitória ao povo Hebreu. Esse fato é tão marcante que ganha dois relatos, um relato narrativo (Juízes 4) e um relato poético (Juízes 5), algo bastante raro dentro da tradição bíblica, que no geral, apresenta grandes acontecimentos em poucas palavras (AUERBACH, 1971).

Outras duas mulheres que exerceram considerável protagonismo são Ester e Rute. A primeira foi uma jovem judia que, em um concurso de beleza é escolhida pelo rei da Pérsia Assuero para ocupar o posto de rainha. Nesse reino havia um importante súdito do rei, Haman, em quem ele confiava, que odiava o povo judeu e, sem saber as origens judaicas da rainha, convence o rei a promover o genocídio desse povo. O plano de Haman é apresentado à rainha por seu parente Mordecai, que a impele a defender o seu povo. Nesse cenário, Ester dirige-se ao rei, revela a sua origem judaica, na frente de Haman, e pede ao rei que salve o seu povo. O rei concede o direito de defesa aos judeus e o povo é salvo. Essa história é tão importante que gera a *Meguilat Ester*, livro que é lido todos os anos na festa de Purim, a festa mais feliz do calendário judaico, conhecida como o carnaval judaico. Rute é outra personagem de grande destaque, ela, uma moabita, casada com um judeu, fica viúva e, ao invés de voltar ao seu povo, decide acompanhar a sua sogra, que também era viúva e tinha perdido os dois filhos. No retorno dessas duas mulheres à terra de Israel, Rute torna-se um exemplo de companheirismo e cuidado com a família, o que lhe garante um bom casamento e a participação na linhagem do rei Davi. A história de Rute também ganhou as páginas de um livro homônimo, que é lido anualmente durante a festa de *Shavuot*, que celebra a entrega da Torá no Monte Sinai (Manguel, 2002, p. 89). Essas duas histórias ilustram que, embora o protagonismo feminino seja muito menor em relação ao masculino, as histórias dessas duas mulheres são revividas anualmente, em datas muito importantes do calendário judaico.

Segundo Oz e Oz-Salzberger (2015), a Bíblia apresenta algumas heroínas de muito prestígio. Entretanto, isso não isenta o judaísmo de um posicionamento chauvinista em detrimento das mulheres. Especialmente a literatura rabínica apresenta interpretações pouco favoráveis ao público feminino. Numerosos rabinos afirmam que a face, o corpo e a voz de uma mulher pertencem ao lar. De forma ainda mais enfática, Maimônides, em comentário ao Salmo 45:14, afirma que “É grosseiro para uma mulher sempre sair de casa, desta vez para sair e outra vez para ir à rua. De fato, o marido deve impedir a esposa de fazer isto e não permitir que saia mais do que uma ou duas vezes por mês, conforme seja necessário.” (RAMBAM *apud* OZ; OZ-SALZBERGER, 2015, p. 74). Esse contraponto entre os ensinamentos rabínicos e as insurgências de mulheres imponentes em vários momentos da história do judaísmo, encontra ecos ao longo da história e foi significativamente ampliado nos últimos tempos. A condição da mulher começou a mudar institucionalmente a partir do século XIX com o surgimento do judaísmo reformista, movimento que proclama a igualdade de direitos religiosos entre homens e mulheres. Na esteira desse movimento, especialmente nos Estados Unidos, as mulheres passaram a ter mais espaço para assumir papéis de liderança dentro das comunidades, e muitas tiveram a oportunidade de estudar para o rabinato, especialmente a partir do século XX, sendo que a primeira Rabina ordenada nos Estados Unidos recebeu esse reconhecimento em 1972 (BASKIN, 2010).

A mudança da condição da mulher, alavancada pela ascensão de mulheres intérpretes, favoreceu a inserção da presença feminina na vida religiosa judaica. Baskin (2010) afirma que esse movimento é resultado do encontro do judaísmo com o feminismo. Esse encontro impulsionou a ordenação feminina ao rabinato e, por conseguinte, o surgimento da figura da mulher escriba. Como mencionado, as mudanças institucionais são recentes (século XIX), considerando um histórico de dois milênios de tradição. Diante disso, a parca presença de mulheres que se dedicam ao trabalho de *soferet*⁷ é a realidade da prática de realização dos manuscritos. Entretanto, recentemente um grupo de mulheres reivindicam o ofício e têm atuado como escribas da Torá. Em 2010, a Comunidade Reconstrucionista Kadima em Seattle apresentou a primeira Torá escrita por mulheres⁸. O projeto Women’s Torah foi concluído por seis mulheres de diferentes países, incluindo uma brasileira: Rachel Reichhardt (TENÓRIO, 2017). A figura da mulher como escriba da Torá não encontra precedentes documentados na

⁷ Termo em hebraico equivalente ao feminino de *sofer* (escriba).

⁸ O *Sêfer Torá* encomendado pela Kadima foi o primeiro a ser comissionado a uma escriba mulher, mas não foi o primeiro a ser concluído (MARGOLIS, 2011, p. 179). Em 2007, Jen Taylor Friedman, que atuou como verificadora do *Sêfer Torá* do projeto, concluiu individualmente a escrita de um *Sêfer Torá* (TENÓRIO, 2017). O que torna esse projeto único é que a escrita não foi individual, mas coletiva.

história do judaísmo⁹. Oficialmente, é apenas no século XXI que surge a primeira Torá escrita por um grupo de mulheres (MARGOLIS, 2011).

3. Projeto *Women's Torah*

O projeto *Women's Torah* foi idealizado no ano 2000 pelo diretor da comunidade Kadima. Há época a ideia era comissionar uma escriba mulher para a escrita da Torá. Naquele ano, entretanto, não foi possível encontrar uma mulher escriba, pois a vedação à escrita de um *Sefer Torá* por mulheres dificulta o acesso feminino à formação para se tornarem escribas. A maior parte dos escribas autorizados (*sofer stam*) não estava disposta a assumir a responsabilidade de treinar mulheres, pois isso poderia ser visto como uma violação à lei. Embora encontrar mulheres escribas tenha sido um grande desafio, a comunidade não desistiu desse sonho. Em 2003, o projeto *Women's Torah* foi oficialmente iniciado, sob a direção de Wendy Graff, membro da comunidade (STRAUSS, 2010).

Esse projeto encontrou a escriba Shoshana Gugenheim, americana da Carolina do Norte, que se mudou para Jerusalém onde se familiarizou com a prática judaica. Em 2000, após completar sua tese de mestrado com o tema “Implicações sociais, haláchicas e políticas da escrita feminina”, começou um intenso processo de aprendizagem do ofício de escriba, sob a tutoria de um escriba hassídico, que incluiu o aperfeiçoamento da prática de caligrafia e o estudo detalhado das leis que versam sobre a escrita de *Sêfer Torá* (STRAUSS, 2010). Quando recebeu o contato da organização do projeto, Shoshana apresentou uma condição para assumir a empreitada, ela aceitaria escrever a Torá se a Kadima aceitasse incluir outras mulheres no projeto. O objetivo pretendido por ela não era simplesmente torna-se a primeira mulher a escrever um *Sêfer Torá*, mas abrir as portas para a inserção de outras mulheres no ofício, de modo a encorajar outras escribas qualificadas a se lançarem na escrita do texto sagrado (MARGOLIS, 2011, p. 181).

A condição foi prontamente aceita e o projeto recebeu outras escribas. Participaram da escrita do texto a brasileira Rachel Reichhardt, as estadunidenses Linda Coppleson e Julie

⁹ “Embora possa ter havido ‘Yentls’ em épocas passadas, que foram comissionados à escrita da Torá e o fizeram, não há registro definitivo de tal trabalho. De acordo com escritos postados pela Comunidade Kadima, os livros bíblicos de Esdras e Neemias contêm referências a *Hasoferet*. O comentário de Rashi conclui que a pessoa assim nomeada não era judia, mas era um dos muitos devotos descendentes de servos do Rei Salomão que ajudou os judeus a retornarem à Terra de Israel. Provavelmente, essa pessoa era uma escriba no sentido mais geral e secular, isto é, alguém que escreveu cartas e outros documentos para iletrados.” (MARGOLIS, 2011, p. 179)

Seltzer, a canadense Irma Penn, a rabinha Hanna Klebansky, nascida na União Soviética e residente em Israel (STRAUSS, 2010). Cada uma dessas escribas passou por uma longa jornada de aprendizado e de desafios até a efetiva iniciação na escrita sagrada. Rachel Reichhard conta que o desejo de se tornar escriba começou em 1994, há época não havia internet e as informações a respeito da formação para escriba não eram facilmente encontradas. Em 2000, Reichhardt mudou-se para Jerusalém para cursar um mestrado em educação judaica. Nesse período, ela teve acesso a um professor de caligrafia que a ensinou a técnica para escrever em pergaminho com pena, mas esse professor disse que não poderia ensiná-la a escrever o nome sagrado, porque mulheres não podem escrevê-lo. O que não foi ensinado nas aulas, Rachel aprendeu sozinha com os livros. Quando terminou o mestrado, ela mudou-se para o Canadá, onde conseguiu uma autorização informal, em um tribunal rabínico, para escrever pergaminho sagrado. Depois disso, surgiu a oportunidade de fazer um curso de escriba em Buenos Aires. Em 2004, ela conseguiu a certificação de escriba pelo Seminário Rabínico Latino-americano (REICHHARDT, 2023). Rachel é a única mulher do grupo que possui uma certificação formal de escriba.

Linda Coppleson passou anos como educadora e calígrafa antes de se introduzir no aprendizado da escrita da Torá. A iniciação na escrita sagrada deu-se, primeiramente, com Dr. Eric Ray e depois com Jen Taylor Friedman, processo que durou aproximadamente cinco anos (STRAUSS, 2010). Julie Seltzer, escriba mais nova do grupo, estudou com Gugenheim e com Taylor Friedman, ela tornou-se escriba residente no Museu Judaico Contemporâneo de São Francisco, onde escreveu em público uma Torá inteira. Linda e Julie ingressaram no projeto em 2009 (MARGOLIS, 2011, p. 182). Hanna Klebansky estudou no *Conservative Schechter Institute* em Israel, onde recebeu sua ordenação ao rabinato. Irma Penn (1945 – 2013) era bacharel em Belas Artes, mestre em Educação e foi a primeira arquivista do Centro do Patrimônio Judaico do Canadá Ocidental (JHC). Irma, que aprendeu o ofício de escriba em Jerusalém (STRAUSS, 2010), integrou o projeto como escriba e viu o fruto do seu trabalho. Três anos depois da entrega da Torá, ela faleceu em Winnipeg¹⁰.

A história do *Séfer Torá* da Kadima é uma história de muitas mãos e muito esforço conjunto. Além do trabalho das escribas mencionadas, a costura dos pergaminhos contou com a participação dos membros da comunidade. Sobre esse processo, Rachel fez a seguinte declaração: “É um trabalho de vovozinha, de colcha de retalhos, você costura, ensina a costurar

¹⁰ Informações coletadas Manitoba Historical Society Archives, disponível em: <https://www.mhs.mb.ca/docs/people/penn_ir.shtml>.

e conversa. Foi um momento gostoso de encontro da comunidade, a gente pode conversar, estudar e se envolver com aquilo que demorou dez anos para ser concluído.” (REICHHARDT, 2023, p. 7) Os adereços do *Séfer Torá*, o manto, a coroa (*Rimonim*), o ponteiro (*Yad*), os rolos (*Atzei Chayim*), bastões de madeira sobre os quais o pergaminho é enrolado, e a faixa usada para amarrar o pergaminho (*Gartel*) foram criados por sete artistas internacionais. A torá foi finalizada em Seattle, no dia 15 de outubro de 2010.

O fato de a encomenda partir de uma comunidade reconstrucionista é bastante significativo. O movimento reconstrucionista é considerado uma das denominações do judaísmo, juntamente com a ortodoxia, o judaísmo conservador e o judaísmo reformista. O reconstrucionismo surgiu nos Estados Unidos, sendo a única vertente exclusivamente oriunda de uma experiência judaica americana. Essa denominação foi fundada pelo Rabino Mordecai Kaplan, que introduziu elementos sociológicos em sua teologia. Para ele, a religião está baseada em elementos sociais e não sobrenaturais.

O núcleo da ideologia de Kaplan é a sua definição de judaísmo como uma civilização cujos padrões de ação são estabelecidos pelo povo judeu. Essa definição foi uma reação ao judaísmo reformista clássico, que percebe o judaísmo como um conjunto de crenças sobre Deus e Sua relação para com os judeus; e à ortodoxia, a qual define judaísmo como um conjunto de regras e práticas sobre as quais a comunidade viva exercia pouco controle. Para Kaplan, judaísmo é a civilização que evoluiu passando por diferentes estágios, cujo denominador comum não é nem a crença, nem princípios, nem práticas, mas a continuidade do povo judeu. A religião judaica, diz Kaplan, existe para o povo judeu e não o povo judeu para a religião judaica. (LIEBMAN, 1970, p. 6-7)¹¹

Ao mitigar o valor das crenças, dos princípios e das práticas e, em vez disso, valorizar a experiência em comunidade, o reconstrucionismo busca aproximar os judeus secularizados, para quem o judaísmo já não tinha significado, da tradição judaica (LIEBMAN, 1970, p. 18). Essa aproximação se dá por meio do distanciamento da centralidade das leis judaicas. Enquanto as vertentes mais tradicionais focam na importância do cumprimento das *mitzvot*, o reconstrucionismo afirma a necessidade de reinterpretação das crenças e das práticas tradicionais. Em suma, a ideologia de Kaplan busca aterrisar a religião ao chão da vida moderna, de modo a integrar demandas sociais contemporâneas à construção da prática religiosa. Considerando essa fundamentação, a inserção de mulheres em rituais que outrora

¹¹ Tradução nossa.

eram restritos ao público masculino, não encontra maiores questionamentos, pois as demandas da modernidade são absorvidas, sem maiores conflitos, dentro dessa vertente.

A Comunidade Recontrucionista de Seattle, responsável pela idealização e financiamento do projeto *Women's Torah*, segue a ideia de valorização da tradição, mas relativiza o cumprimento da Halachá. Segundo informações da própria comunidade Kadima¹², esta é uma instituição judaica inclusiva e comprometida com os valores judaicos, espiritualidade, aprendizagem e atos de responsabilidade social. Essa comunidade assume valores progressista e é atuante pelas igualdades racial, econômica e de gênero. A Kadima tem como propósitos: acolher membros de todas as origens, incluindo famílias inter-religiosas ou multiculturais, solteiros, gays ou lésbicas; combinar valores seculares judaicos progressistas com valores judaicos tradicionais; trabalhar pela justiça social, econômica, de gênero e racial; promover ativamente a igualdade de gênero em todos os aspectos da vida judaica; entre outros objetivos.

O ideal de mesclar a valorização da tradição com demandas modernas encontra sua materialização no projeto *Women's Torah*. Esse projeto abriu as portas para as *soferet*, como forma de abraçar o crescente protagonismo feminino nas mais diversas esferas da sociedade, mas sem menosprezar o rigor da tradição em relação às regras de escrita. A congregação exigiu de cada uma das escribas um documento comprobatório dessa qualificação. Além disso, um requisito primordial não poderia ser ignorado: cada escriba deveria escrever o texto sagrado com a intenção de criar um *Sefer Torá*. A intenção é algo muito importante para a validade do manuscrito, mas é um requisito subjetivo, por isso, a escolha das escribas, além da formação, baseou-se na confiabilidade das escribas. Ainda sobre o lugar da tradição, embora as escribas tenham seguido as regras de escrita, não lhes foi exigido o cumprimento de todas as 613 *mitzvot*. Segundo a tradição, o escriba deve cumprir todas as leis da Torá, especialmente a observância do *Shabat* e da *Kashrut* (leis alimentares). A isenção desse cumprimento foi baseada nos princípios inclusivos da comunidade. Se os próprios membros da comunidade não seguem todos os mandamentos, não seria justo exigir isso das escribas. Diante disso, abriu-se a possibilidade de incluir escribas não ortodoxas no projeto, mas que foram treinadas segundo as leis da Halachá (MARGOLIS, 2011, p. 183).

Quando a Torá foi finalizada, a diretora do projeto ficou preocupada com o status haláchico do *Séfer Torá*. Ela chegou a cogitar identificar o manuscrito com a notação “Este foi

¹² As informações foram coletadas do site institucional da comunidade, disponível em: <<https://www.kadima.org/>>.

escrito por mulheres”, como um aviso para alguém que não quisesse ler uma Torá com essa origem. Entretanto, essa ideia não foi levada a cabo, pois, segundo Graff, não se sabe da procedência de 90% das *Torot* e, mesmo assim, presume-se que elas são kosher (sagradas segundo as leis da Halachá). Nas palavras de Graff: “Nós sabemos que essa Torá foi escrita com a intenção correta. Se a comunidade ortodoxa não quiser lê-la, ninguém vai forçá-los a isso. Eu penso que isso vai mudar, eu espero que isso mude.” (TENORIO, 2017) O projeto *Women's Torah* é um marco na tradição judaica, pois o empenho de uma comunidade para a concretização de uma Torá escrita por mulheres demonstra que a inclusão de mulheres nos rituais religiosos não é uma reivindicação isolada, mas é uma demanda que encontra muitos adeptos. Para além disso, o projeto promoveu a união de escribas e tem despertado o interesse de outras mulheres pelo aprendizado do ofício. Atualmente, há mais escribas mulheres e umas ensinam as outras, o que torna a formação mais acessível.

Referências

- AUERBACH, Erich. A cicatriz de Ulisses. In: AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.
- BASKIN, Judith R. Jewish Private Life: Gender, Marriage, and the Lives of Women. In: BASKIN, Judith R.; SEESKIN, Kenneth (Eds.) *The Cambridge Guide to Jewish History, Religion, and Culture*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- FISHBANE, Simcha. The Symbolic Representation of the Torah Scrolls. In: FISHBANE, Simcha. *The Impact of Culture and Cultures Upon Jewish Customs and Rituals: Collected Essays*. Boston: Academic Studies Press, 2020. p.211-250.
- GANZFRIED, Shlomo. *Keset HaSofer*. Translated by Jen Taylor Friedman. Montreal: HaSoferet, 2006. Disponível em: <<https://www.hasoferet.com/halakha-for-scribes/keset-ha-sofer>>. Acesso em: 01 fev. 2024.
- GIGLIO, Auro del. *Iniciação ao Estudo da Torá*. [E-book] São Paulo: Editora Sêfer, 2012.

GLATT, Aaron Eli. *Mujeres en el Talmud*: Historias del Talmud sobre mujeres, explicadas de acuerdo a los clásicos comentaristas. Buenos Aires: Editorial Moaj, 2015. v. 1.

GRAFTON, Anthony; WILLIAMS, Megan. *Christianity and the transformation of the book*: Origen, Eusebius, and the library of Caesarea. Cambridge, Massachusetts, Londres: Belknap Press of Harvard University Press, 2006.

KATZENSTEIN, Ursula Ephraim. Os escribas e sua significação para a transmissão escrita do pensamento. Tradução de Maria Romano Scherelber. *Revista Escola de Biblioteconomia UFMG*. Belo Horizonte, 10 (1), mar 1981. p. 95-118.

LIEBMAN, Charles S. Reconstructionism in American Jewish Life. *The American Jewish Year Book*. v. 71, 1970. p. 3-99. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/23604039>>. Acesso em 14 fev. 2024.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARGOLIS, Judith. A Torah Scroll. *Nashim: A Journal of Jewish Women's Studies & Gender Issues*, Bloomington, n. 21, p. 179-184, 2011.

OZ, Amós; OZ-SALZBERGER, Fania. *Os judeus e as palavras*. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

RAMBAM. *Mishné Tora*: As 613 Mitsvót – Sefer Hamadá 1. 2. ed. Tradução de Yaacov Bande. São Paulo: Yeshivá Lubavitch; Editora Lubavitch Brasil, 2018.

RAMBAM. *Mishné Tora*: As 613 Mitsvót – Sefer Hamadá 2. Tradução de Yaacov Bande. São Paulo: Yeshivá Lubavitch; Editora Lubavitch Brasil, 2015.

REICHHARDT, Rachel. *Soferet*: mulheres que escrevem o sagrado. [Entrevista concedida a] Denise Cristina Campos. *Arquivo Maaravi*: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, Belo Horizonte, v. 17, n. 33, nov. 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/48252>>.

SACKS, Jonathan. *Uma letra da Torá*. Tradução de Betty Rojter e Paulo Rogério Rosenbaum. São Paulo: Editora Sêfer, 2002.

STRAUSS, Elissa. Women who write Torah. *Forward*, New York, 10 Nov. 2010. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20191205183205/https://forward.com/articles/133017/women-who-write-torah/>>. Acesso em: 15 fev. 2024.

TALMUD. *Gittin*. Translated by Adin Even-Israel. Steinsaltz Center. Disponível em: <<https://www.chabad.org/torah-texts/5453189/The-Talmud/Gittin/Chapter-4/Daf-45b>>.

TALMUD. *Tractate Soferim*. Translated by A. Cohen. The Willian Davidson Edition. London: Soncino Press, 1965. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Tractate_Soferim?tab=versions>. Acesso em: 20 nov. 2023.

TANAH. Hebraico e Português. *Tanah Completo*. Tradução de David Gorodovits e Jairo Fridlin. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2018.

TENORIO, Rich. Female ‘sofrot’ inscribe themselves in history books. *The Times of Israel*, Jerusalem, 1 Jan. 2017. Disponível em: <<https://www.timesofisrael.com/female-sofrot-inscribethemselves-in-history-books/>>. Acesso em: 13 abr. 2023.